

Organizadores:
Nilson Almino de Freitas
Claudia Turra Magni
Philipi Emmanuel Lustosa Bandeira



Trajetórias pessoais na antropologia (audio)visual no Brasil

Volume 1

Série
Território
Científico

SER
T
A
O
CULT



Nilson Almino de Freitas é bolsista de produtividade do CNPQ (PQ2). Graduado em Ciências Sociais (Bacharelado) pela UFC (1994), mestrado em Sociologia pela UFC (1999), doutorado em Sociologia pela UFC (2005) e Pós-Doutorado em Estudos Culturais no Programa Avançado em Cultura Contemporânea da UFRJ (2011). Atualmente é professor Associado da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Pesquisador Associado do Pós-doutorado em Estudos Culturais do Programa Avançado em Cultura Contemporânea da UFRJ, professor do quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Geografia da UECE, faz parte do quadro permanente do Mestrado Profissionalizante em Rede de Ensino de Sociologia na UVA e foi professor do quadro permanente do Mestrado Acadêmico em Geografia entre 2014 e 2019 na UVA. Coordena o Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – Labome.



Claudia Turra Magni é Graduada em História (1983-1987), com mestrado em Antropologia Social (1990-1994) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutorado em Antropologia Social e Etnologia pela Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS, 1997-2002). Professora (associada 3) do Depto. de Antropologia e Arqueologia (Bacharelado e Pós-Graduação em Antropologia) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl), onde coordena o Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS/ICH/UFPEl), desde 2008, e o coletivo Antropóéticas (Grupo de Pesquisa do CNPq). Pesquisadora associada ao Institut d'Ethnologie Méditerranéenne, Européenne et Comparative (IDEMEC) vinculado à Université Aix-Marseille/AMIU e ao Centre National de Recherche Scientifique/CNRS, onde realizou pós-doutorado (2019-2020). Membro da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) desde 1994.



Philipi Emmanuel Lustosa Bandeira é Professor, pesquisador, realizador audiovisual e fotógrafo, é doutorando e mestre em Comunicação (UFPE), com ênfase em Cinema Indígena e Documentário e bacharel em Ciências Sociais (UFC), com ênfase em Antropologia Visual e Etnologia Indígena. Tem experiência nas áreas de cinema e audiovisual, documentário, fotografia, antropologia visual, etnografia e etnologia. É membro do Grupo de Pesquisa “Imagens Contemporâneas” (PPGCOM/UFPE), da Rede Internacional de Cooperação em Artes, Educação e Humanidades (RedArth - Portugal), das Comissões Organizadoras dos projetos de extensão IX Festival Internacional do Filme Etnográfico do Recife (UFPE) e X Visualidades (UVA - Sobral/CE). Associado da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (Socine), da Associação de Investigadores da Imagem e Movimento (AIM - Portugal) e da Associação para o Documentário (Apordoc - Portugal). Foi cofundador do Laboratório de Antropologia da Imagem - LAI/UFC (2005) e sócio-fundador do Instituto da Fotografia - IFOTO (Fortaleza, 2005).

Organizadores:
Nilson Almino de Freitas
Claudia Turra Magni
Philipi Emmanuel Lustosa Bandeira



Trajetórias pessoais na antropologia (audio)visual no Brasil

Volume 1



Sobral-CE
2022



Trajétórias pessoais na antropologia (audio)visual no Brasil. Volume 1

© 2022 copyright by Nilson Almino de Freitas, Claudia Turra Magni, Philipi Emmanuel Lustosa Bandeira. (Orgs)
Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial

Alex Giuliano Vailati
Alice Fátima Martins
Ana Luiza Carvalho da Rocha
Daniel Schroeter Simião
Daniele Borges Bezerra
Edgar Teodoro da Cunha
Fabiene de Moraes Vasconcelos Gama
Ilana Strozenberg
José da Silva Ribeiro
Luis Felipe Kojima Hirano
Otávio José Lemos Costa
Patrícia dos Santos Pinheiro
Paulo Passos de Oliveira
Rumi Regina Kubo
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros

Trabalho técnico de transcrição:

Alessandro Barbosa Lopes
Alessandro Ricardo Pinto Campos
Alexsânder Nakaôka Elias
Antonio Jarbas Barros de Moraes
Caio Nobre Lisboa
Daniele Borges Bezerra
Eric Silveira Batista Barreto
Tanize Machado Garcia
Vicente de Paulo Sousa

Apoio técnico às entrevistas online:

Vicente de Paulo Sousa

Revisão:

Celina Maria Linhares Paiva

Diagramação e capa

João Batista Rodrigues Neto

Imagens de capa:

Fabrizio Barreto Fuchs - Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (Leppais)
Paula Morgado e a bolsista Mariana Baumgaertner trabalhando no acervo fotográfico no Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA, 2017)

Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

Realização:



Apoio:



T765 Trajetórias pessoais na antropologia (audio) visual no Brasil. / Organizado por Nilson Almino de Freitas, Cláudia Turra Magni, Philipi Emmanuel Lustosa Bandeira – Sobral- CE: Sertão Cult, 2022.

342p.

ISBN: 978-65-5421-012-6 - papel
ISBN: 978-65-5421-011-9 - e-book em pdf
Doi: 10.35260/542101119-2022

1. Antropologia visual. 2 História da Antropologia. 3. Cinema. 4. Ciências Sociais. I. Freitas, Nilson Almino de. II. Magni, Cláudia Turra. III. Bandeira, Philipi Emmanuel Lustosa. IV. Título.

CDD 301



Este e-book está licenciado por Creative Commons
Atribuição-Não-Comercial-Sem Derivadas 4.0 Internacional

Dedicado à Professora Patrícia Monte-Mor
(in memoriam)

Prefácio

No ano de 2020, a pandemia da COVID-19 pôs em risco a existência da humanidade, desafiando-nos a viver o isolamento sanitário sob normas e restrições até então desconhecidas. Em meio a este drama traumático, com apoio da ciência e da tecnologia, foi preciso reinventar formas de relacionamento social e profissional, lançando mão de resiliência, criatividade e solidariedade. O trabalho remoto foi incorporado ao nosso cotidiano, revelando possibilidades até então impensáveis na conexão entre pessoas, coletivos, organismos e instituições, que passaram a promover intercâmbios e eventos *online* de toda ordem.

É nesse contexto que surgem as “Webconferências sobre Trajetórias Pessoais na Antropologia Visual do Brasil”, organizadas de forma remota, via *StreamYard*, pelo Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas da Universidade Estadual Vale do Acaraú (LABOME/UVA), com o apoio do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som da Universidade Federal de Pelotas (LEPPAIS/UFPel) e de seu Coletivo Antropológicas, além do Comitê de Antropologia Visual da Associação Brasileira de Antropologia (CAV/ABA). Este projeto veio responder à iniciativa da Editora SertãoCult para que os membros de seu Conselho Editorial realizassem uma série de doze entrevistas remotas em suas respectivas áreas de pesquisa, visando à publicação do material reunido em *e-book*, para distribuição gratuita no âmbito de uma série chamada “Territórios Científicos”.

Ocorre que este leque inicial de entrevistas mostrou-se insuficiente para dar conta da vastidão e do vigor da Rede de Pesquisa em Antropologia Visual Brasileira, atualmente espalhada por todas as regiões do país. Isso estimulou os organizadores a “dobrarem a aposta” com um segundo volume, proposta que foi imediatamente acolhida pela editora, na medida em

que outro membro do Conselho Editorial também integra a equipe. Mas vinte e quatro entrevistas pareceu-nos ainda pouco representativo da densa tecitura que compõe esta Rede de Pesquisas, de modo que recorremos à captação de recursos via *crowdfunding* para um terceiro volume desta série. Cientes de que a relevância das trajetórias de profissionais que se cruzam, se tangenciam e se retroalimentam neste campo de atuação impõe limitações e incompletudes ao projeto, elegemos alguns critérios de escolha das pessoas a serem entrevistadas: a diversidade em termos regionais, institucionais, étnicos, raciais, de gênero; a variedade geracional quanto ao envolvimento no campo da Antropologia Visual, e ainda a participação em alguma edição precedente do programa de extensão Visualidades¹, promovido anualmente pelo LABOME desde 2009 e que, no ano de 2020, teve de ser suspenso devido à pandemia.

Ao todo, portanto, são três *e-books*, totalizando trinta e seis capítulos revisados e editados pelos/as entrevistados/as, de acordo com o que consideraram mais significativo frisar ou alterar em seus depoimentos. O material foi transcrito por discentes e docentes de graduação e pós-graduação, os quais assinam a coautoria dos capítulos, na medida em que entendemos a transcrição como uma interpretação da escuta do audiovisual, implicando na transformação da linguagem oral para a linguagem escrita. Convidados/as eventuais na condução das conversas também foram considerados coautores/as dos capítulos, enquanto aos três entrevistadores/a mais assíduos/a coube a função de organização da série.

A distribuição das entrevistas nos 3 volumes não buscou estabelecer um ordenamento cronológico, geracional, hierárquico ou outro, mas meramente atender às exigências do ritmo editorial, de acordo com o tempo das transcrições e de sua revisão por parte das pessoas entrevistadas. Assim, o conjunto do material encontra-se disponibilizado ao público em dois formatos:

1 O Visualidades oferece formação e mostras descentralizadas no campo das artes visuais, especialmente documentário, fotografia, desenho, pintura e instalações artísticas. Nos últimos anos, ganhou dimensão nacional e, antes da pandemia, envolveu 39 lugares, como escolas públicas de ensino básico, ONG's, equipamentos de assistência social e até nas ruas de bairros pobres de 13 cidades envolvidas. Os profissionais que haviam participado de conferências, minicursos e mesas redondas em alguma das dez edições precedentes foram convidados para as webconferências. O portfólio do Visualidades, pode ser visto no link: https://linkin.bio/labome_uva.

textual (editado e sintetizado em *e-book*) e audiovisual, com a integralidade das webconferências, acessíveis na página do LABOME² no *YouTube*.

As webconferências não tiveram limitação de tempo, nem roteiro rígido de perguntas, configurando-se mais como um espaço de diálogo aberto, incluindo comentários e perguntas do público. Houve depoimentos mais longos, com cerca de 4 horas de duração, outros mais sucintos, mas todos ricos em informações, referências e reflexões. Para além dos iniciantes, que acompanhavam de forma síncrona, também foram muito assíduos os integrantes desta comunidade de pesquisas, que encontraram nestes eventos remotos uma oportunidade de reafirmação de seus laços intelectuais e afetivos, na medida em que congressos, seminários e festivais onde costumavam se encontrar estavam suspensos. Estas entrevistas, portanto, não foram pautadas pela impessoalidade; ao contrário, elas fluíam conforme a identificação pessoal dos/as entrevistadores/as e participantes externos, de acordo com o tema e a experiência particular de cada um/a.

Na narrativa das pessoas entrevistadas, percebe-se o gosto pela revisão e reflexividade de seus percursos, entrelaçados com o de mestres, discípulos, colegas, estudantes, coletividades, associações e instituições, com os quais tecem relações dinâmicas, cumplicidades e/ou divergências e disputas. Mais do que meras autobiografias, portanto, estes experimentos narrativos acentuam múltiplos caminhos, envolvimento específicos, tensões e diferenças importantes que dão a ver o lastro no qual emerge e vai se delineando um campo de saber e atuação profissional que foi conquistando espaço e legitimação epistemológica, acadêmica e social ao longo das últimas e décadas. Com a publicação destes relatos, pretendemos contribuir na constituição de um material de base para a tarefa instigante de compreensão da implantação, do desenvolvimento e de desdobramentos deste campo da Antropologia no Brasil. Em que pese o movimento rizomático e a sinergia entre várias trajetórias particulares guiadas pela busca de sentido a suas práticas, esta análise não poderá desconsiderar os afetos multisituados envolvendo vários agentes, temas, métodos e técnicas, que ora convergem, ora divergem, de modo que cada experiência pessoal rompe rotinas estáveis e lógicas universais, sem desprezar tradições locais, regionais, nacionais e internacionais. Sem o intuito de identificar uma “mídia

2 A playlist completa pode ser acessada pelo link: https://www.YouTube.com/playlist?list=PLrKSbcOn7CPtLnaOF35Gi_ZrB2H7z7H7.

geral” entre trajetórias singulares, ou de cristalizar “formas de fazer” para a Antropologia (Audio)visual, nosso propósito foi o de valorizar as experiências e subjetivações através de histórias engajadas em movimentos, agências, desejos e potências coletivas.

Nilson Almino de Freitas
Claudia Turra Magni
Philipi Emmanuel Lustosa Bandeira
Orgs.

A série Território Científico

O que nasceu como uma tentativa de aproximar pesquisadores de diversas áreas, de mobilizar os membros do Conselho Editorial da SertãoCult na elaboração de um material que exprimisse a capacidade da editora em produzir obras com qualidade técnica e com relevância acadêmica, tornou-se um sucesso logo em sua primeira edição.

Após o lançamento do volume Diálogos sobre a Ditadura, que reuniu alguns dos maiores pesquisadores sobre a temática no Brasil, e do volume dois, Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva, a série Território Científico chega ao seu terceiro volume, que reúne alguns dos maiores pesquisadores da Antropologia Visual. É com orgulho que apresentamos Trajetórias pessoais na antropologia (audio)visual no Brasil - Volume 1.

É gratificante concluirmos mais esta contribuição para a comunidade científica, apresentando as trajetórias de algumas das maiores referências da Antropologia Visual brasileira, que no contexto da pandemia da Covid-19 ficaram tão fisicamente distantes, mas nunca tão próximos, unidos através da tecnologia, que permitiu a troca de experiências com colegas de diferentes regiões do país. E mais: é só o primeiro volume de uma série de três, nos quais são reunidas três dezenas de entrevistas. Estas obras já surgem como referência para aqueles que buscam conhecer a Antropologia Visual.

Passados alguns meses da realização das entrevistas, finalmente a pandemia dá mostras de arrefecimento. O isolamento que tanto nos custou, começa a dar lugar a reencontros presenciais e estas entrevistas, mais do que um relato de experiências de pesquisa, passam a compor um registro histórico de como a crise sanitária afetou toda a nossa sociedade.

Se a produção científica segue sendo alvo de constantes ataques e aqueles que se dedicam a ela ainda são encarados quase como inimigos do Estado, é mais do que pertinente, mas necessário que todos aqueles que acreditam na educação, na ciência, no conhecimento se unam e abracem projetos que busquem aproximar essa produção e o público em geral.

Mais um livro se junta à nossa série, nos deixando ainda mais orgulhosos e empenhados em nossa defesa incondicional da ciência.

Que venham os próximos volumes!

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Marco Antônio Machado

Coordenadores da Série Território Científico

Apresentação

Inicialmente, gostaria de agradecer aos organizadores o convite para escrever a Introdução deste primeiro volume da série de publicações **Trajetórias Pessoais na Antropologia (Áudio)Visual do Brasil**, organizado por Nilson Almino de Freitas, Claudia Turra Magni, Philipi Emmanuel Lustosa Bandeira entre outros colegas.

Início minha introdução destacando que as histórias e as estórias que foram aqui relatadas versam sobre uma importante aventura espiritual, intelectual e ética para a formação da área da Antropologia visual contemporânea, seja nacional, seja internacional. Meus comentários sobre este volume dessa importante série de publicações vai compor-se de idas e vindas de minhas relações subjetivas e afetivas com o tema em questão, em um esforço de fazer o leitor despertar para os jogos de memória que mantêm viva a Antropologia audiovisual no Brasil.

Assim, para prosseguir, gostaria que o leitor se posicionasse no contexto de minha escrita segundo as palavras enunciadas por Marcel Proust (1971:305), no seu projeto inconcluso de crítica ao método crítico de Sainte-Beuve (1804-1969) para o estudo da arte literária: “Os belos livros são escritos numa espécie de língua estrangeira. Sob cada palavra, cada um de nós coloca o seu sentido ou pelo menos a sua imagem, que frequentemente é um contra-senso.” Não será por acidente que recorro, portanto, à minha ligação particular com esse campo de conhecimento para falar da obra em si, ao invés de apresentar os encadeamentos narrativos entre as trajetórias intelectuais apresentadas ou buscar entre elas, a todo o custo, uma ordenação num tempo específico.

Vou seguir aqui um certo excursão interpretativo para o que peço a compreensão do leitor. Nesse momento, vêm à minha mente os comentários de

meu mestre, Gilberto Velho, em sua obra *Individualismo e Cultura: notas para uma Antropologia das sociedades complexas*³, e que dizem respeito à condição do antropólogo pesquisando sua própria cidade. Isto se deve ao fato de que fui desafiada pelos meus colegas organizadores deste volume a tornar conhecido algo que sempre me foi familiar.

Logo, ainda para instruir o leitor sobre esta Introdução, confesso que, ao ler os depoimentos contidos nesta publicação, ainda que projetasse me manter vigilante no momento da leitura, não consegui me desprender das lembranças dos encontros diversos que compartilhei com os(as) colegas na nossa luta para legitimar os usos dos recursos audiovisuais para os avanços da pesquisa antropológica no Brasil.

A leitura que fiz da obra fez-me rememorar, portanto, alguns temas clássicos abordados pelo meu querido mestre, em sua extensa obra, em especial, em seus estudos sobre *Projeto, e metamorfose – Antropologia das Sociedades Complexas*⁴ e *Subjetividade e Sociedade: Uma Experiência de Geração*⁵. Não obstante o título da série apontar para as trajetórias pessoais na Antropologia visual do Brasil, minha leitura foi pautada por algumas normativas dos estudos da Antropologia das sociedades complexas, agora aplicada a nós próprios, antropólogos e antropólogos.

Os acontecimentos, as situações e os fatos aqui presenciados por nossos narradores constituem valiosos conjuntos de experiência de diferentes profissionais ao longo de suas trajetórias acadêmicas e de pesquisa na direção da criação, da consolidação e da expansão do campo disciplinar da Antropologia audiovisual no Brasil, ou Antropologia visual, como alguns podem preferir. Peço, assim, a atenção ao leitor sobre peculiaridades das informações, dos dados e dos fatos contidos nos testemunhos de meus colegas com quem dialogo a partir de minha área de atuação, a da Antropologia da imagem e do imaginário.

Mais que trajetórias pessoais, destaco que se tratam de trajetórias individuais no interior de uma área de conhecimento específica da Antro-

3 VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

4 VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.

5 VELHO, Gilberto. *Subjetividade e Sociedade: Uma Experiência de Geração*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1986.

pologia, considerada nos termos de um espaço sociocultural no interior do qual se tecem, finalmente, cada uma das trajetórias intelectuais aqui apresentadas. As entrevistas tratam, em muitas passagens, dos “quadros socio-históricos”, nos termos de Gilberto Velho (1981), que marcaram o processo de formulação e implementação dos projetos individuais de cada entrevistado(a) no campo da Antropologia brasileira.

Ao manusear este volume, peço ao leitor especial atenção à presença de diferentes projetos sociais que atuaram na formação específica da área da Antropologia audiovisual no Brasil. Da mesma forma, sugiro que reflitam atentamente acerca das peculiaridades e das singularidades que marcaram especialmente o percurso de consolidação desta matriz disciplinar no interior da pesquisa nas ciências humanas e sociais do país. E assim, a consolidação dessa área de conhecimento nas instituições de pesquisa e no ensino de graduação e pós-graduação do Brasil, as quais pertencem, diferenciadamente, cada um dos(as) entrevistados(as).

Reforço mais uma vez que se tratam de trajetórias que se desenrolam no campo das produções intelectuais, a da Antropologia do e no Brasil, e que vão convergir em um projeto coletivo, o da formação da área da Antropologia audiovisual brasileira, vivido singularmente por cada um dos indivíduos aqui entrevistados. Lembrando os estudos de meu mestre, o leitor está acessando biografias e trajetórias individuais que se expressam em projetos individuais, na direção de uma carreira profissional (VELHO, 1981) numa área específica de ensino e pesquisa da Antropologia brasileira.

Sigo aqui um roteiro muito específico, em minha leitura. Valho-me da experiência com o projeto de série documental *Narradores urbanos, etnografia nas cidades brasileiras*, construído pela minha colega e parceira de pesquisa, Cornelia Eckert com o objetivo de apresentar a gênese da formação do campo da Antropologia urbana no Brasil. Um projeto que teve a duração de mais de 5 anos, e que foi realizado pela equipe de pesquisadores do Banco de Imagens e Efeitos Visuais/BIEV em parceria com o Núcleo de Antropologia Visual/Navisual, sob sua coordenação, dentro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Neste sentido, esta publicação apresenta trajetórias individuais de pesquisadores relacionadas a certas constelações culturais singulares, a da formação dos saberes e fazeres científicos nas áreas das ciências sociais e, espe-

cialmente, no que se refere ao lugar que ocupa a produção audiovisual dentro da matriz disciplinar da Antropologia como parte de um projeto coletivo.

Trata-se de um projeto inicialmente tecido, nos fios do tempo, por alguns antropólogos e antropólogas, e que abarcou uma luta por espaços da área acadêmica, que se iniciava em congressos, seminários e encontros, e prolongava-se com a promoção de mostras nacionais e internacionais de documentários etnográficos e exposições fotográficas. Desse esforço resultou, por exemplo, a criação do Prêmio Pierre Verger de documentário etnográfico e, mais tarde, de fotografia e de desenho pela Associação Brasileira de Antropologia/ABA. Essa luta, travada tanto no plano das ideias quanto das instituições de ensino e de pesquisa, e mais além, das agências de financiamento e de avaliação, resultou hoje na inclusão da produção audiovisual brasileira no Qualis CAPES/ Comissão de Aperfeiçoamento e Pesquisa de Ensino Superior.

Observando o que me é familiar, me dou conta que a leitura desta publicação está fortemente influenciada pelo fato de que participei, em muitos momentos, do ambiente fecundo da construção do campo conceitual da Antropologia audiovisual no Brasil, razão pela qual me permito chamar a atenção do leitor para alguns aspectos singulares da forma como a publicação foi organizada.

Inicialmente, destaco que os depoimentos aqui retratados não obedecem nem a uma lógica historiográfica, nem a uma genealógica. Entretanto, sua originalidade reside precisamente no fato de que este *e-book* nos oferece um mosaico rico de experiências na área da Antropologia audiovisual do país que, se observados à distância, parecem estar distantes entre si, em termos geracionais. Entretanto, mantendo-se a atenção naquilo que nos é oferecido pelos relatos, podemos perceber um entrelaçamento sutil das memórias intergeracionais que vão dar origem à configuração de uma matriz disciplinar para esse campo do conhecimento antropológico no Brasil, assim como às diversas tradições que hoje se apresentam para o cenário nacional.

Sem dúvida, ainda que contendo uma mesma ordem de inquietude intelectual, se um leitor mais exigente desejar, ele poderá situar os principais fatos e acontecimentos registrados nas entrevistas dentro de certos intervalos de tempo, no esforço de compreender o sentido histórico atribuído

ao uso dos recursos audiovisuais na produção, distribuição e circulação do conhecimento antropológico.

Mas, ainda uma vez, eu peço ao leitor neófito um outro desafio na leitura desta publicação. Gostaria que ele se interrogasse sobre a intra-temporalidade que reúne os autores e autoras, segundo as diversas gerações, nessa aventura antropológica que se iniciou já há algum tempo e que se prolonga até os dias de hoje, com a atuação da nova geração de antropólogos/as atuantes nas redes digitais e eletrônicas contemporâneas.

Na “escuta” atenta dos relatos, peço especial atenção para as marcas dos aspectos geracionais nas trajetórias intelectuais aqui retratadas. Na atenção aos registros, e aos espaços de formação de cada personagem desta aventura, reparem na influência de diferentes tradições que marcaram a formação da matriz disciplinar da Antropologia audiovisual brasileira, atentem para o pluralismo de suas fontes originais, muitas delas situadas fora do Brasil.

Nesse cenário, acompanhem as trajetórias intelectuais nas relações que se tecem no campo das instituições acadêmicas de graduação e pós-graduação, da última década do século passado até os dias atuais, das quais decorreram a criação do ensino e da pesquisa na área da Antropologia audiovisual, em especial, nos Programas de Pós-Graduação do Brasil.

A abundância de teses, dissertações e trabalhos de curso de graduação que hoje temos não é mero acaso. Importante sempre recordar que esse panorama de que hoje desfrutamos nos usos da imagem para a produção de novas escritas etnográficas origina-se da audácia de alguns que desejavam ir além das formas convencionais de expressão escrita na construção de conhecimento antropológico. Essa série de publicações certamente tem uma importante missão a cumprir no plano dos jogos de memória dessa matriz disciplinar. Infelizmente, nesse percurso, perdemos algumas pessoas queridas que, sem elas, não teríamos chegado até aqui. Foi o caso de Patrícia Monte-Mor, mais recentemente.

Outro aspecto para o qual gostaria de chamar a atenção diz respeito à diversidade de formação dos profissionais no campo da Antropologia audiovisual que vamos encontrar na leitura deste volume, abrangendo profissionais que atuam em várias universidades brasileiras. Alguns deles são

responsáveis pela formação de importantes laboratórios, centros e núcleos de antropologia visual e do país, todos eles articulados em redes de parceria e colaboração de pesquisa tanto nacional, quanto internacional.

Importantes figuras do atual cenário da pesquisa brasileira, contribuíram de muitas formas para a produção de uma rica e vigorosa literatura especializada nos estudos de Antropologia audiovisual, presente em várias formas de publicação: livros, periódicos, artigos que tratam das questões teóricas e conceituais do campo da Antropologia audiovisual, sempre com uma reflexão crítica acerca dos procedimentos e das técnicas que envolvem o uso dos recursos audiovisuais no trabalho de campo.

À medida que a leitura das narrativas vai se acumulando, torna-se evidente que a produção audiovisual na/da Antropologia brasileira amplificou o debate em torno das modalidades narrativas no caso da produção de obras etnográficas. Um debate que alude às questões éticas do uso do registro audiovisual, não apenas durante o trabalho de campo do antropólogo, mas após sua finalização. Estou me referindo ao trabalhoso processo de reflexão acerca da autoria e da autoridade do etnógrafo na e da sua produção intelectual através do uso dos recursos audiovisuais, e que acarreta a desconstrução do positivismo e do objetivismo atribuído ao corpo da letra para a produção do conhecimento em Antropologia. Sem abdicar do papel da escrita na construção do pensamento antropológico, os testemunhos aqui apresentados sempre ressaltam a importância para o antropólogo do retorno da obra audiovisual, seja ela qual for, aos seus colaboradores de pesquisa.

Outro ponto de destaque reside no fato de que o leitor, ao adentrar os meandros do tempo que tecem as trajetórias intelectuais que compõem essa publicação, precisa ficar atento às transformações progressivas dos temas e dos objetos de pesquisa entre as diversas gerações entrevistadas e das quais vão derivar uma multiplicidade de produções que foram importantes para a consolidação, no Brasil, da investigação antropológica com e por meio das imagens. Todas elas disponíveis no acervo da Associação Brasileira de Antropologia e nos acervos de Núcleos e Laboratórios que atuam na área da produção audiovisual da Antropologia brasileira

Finalmente, chamo a atenção do leitor das novas gerações de antropólogos para o fato de que a liberdade por vocês desfrutada na adoção

de novas escrituras etnográficas no processo de transmissão dos saberes antropológicos origina-se precisamente das ricas trajetórias intelectuais de pesquisadores que lhes antecederam, incorporando narrativas etnográficas audiovisuais em suas produções acadêmica, sempre acompanhadas da reflexão sobre ética do uso das imagens na pesquisa. Vale, portanto, lembrá-las, sempre!

Boa leitura!

Ana Luiza Carvalho da Rocha, antropóloga.
Banco de Imagens e Efeitos Visuais, BIEV
Núcleo de Antropologia Visual/Navisual
PPGAS, UFRGS.
Porto Alegre, maio, 2022.

Sumário

Doi: 10.35260/54210119p.22-45.2022

**Uma trajetória não é um caminho solitário:
entrevista com Clarice Peixoto.....22**

Clarice Ehlers Peixoto
Vicente de Paulo Sousa
Daniele Borges Bezerra

Doi: 10.35260/54210119p.46-70.2022

**O que é que podemos conhecer juntos:
entrevista com Ana Lúcia Ferraz.....46**

Ana Lúcia Marques Camargo Ferraz
Antonio Jerfson Lins de Freitas
Alexsânder Nakaóka Elias

Doi: 10.35260/54210119p.72-99.2022

**A Antropologia não se faz só de texto:
entrevista com Nilson Almino.....72**

Nilson Almino de Freitas
Wagner Ferreira Previtali

Doi: 10.35260/54210119p.100-123.2022

**A representação está carregada de afetos:
entrevista com Paula Morgado.....100**

Paula Morgado Dias Lopes
Antonio George Lopes Paulino
Alexsânder Nakaóka Elias

Doi: 10.35260/54210119p.124-147.2022

**A Antropologia é a arte da escuta:
entrevista com Lisabete Coradini.....124**

Lisabete Coradini
Telma Bessa Sales
Alexsânder Nakaóka Elias

Doi: 10.35260/54210119p.148-175.2022

**Toda antropologia é visual:
entrevista com Sylvia Caiuby.....148**

Sylvia Caiuby Novaes
Tanize Machado Garcia

Doi: 10.35260/54210119p.176-211.2022

**A generosidade, a solidariedade e o sonho existem:
entrevista com Patrícia Monte-Mor.....176**

Patrícia Monte-Mor
Antonio Jarbas Barros de Moraes

Doi: 10.35260/54210119p.212-233.2022

**Como se estivesse sempre encantado:
entrevista com João Martinho.....212**

João Martinho Braga de Mendonça
Caio Nobre Lisboa

Doi: 10.35260/54210119p.234-273.2022

**A gente queria se tornar protagonista da nossa própria história:
entrevista com Takumã Kuikuro.....234**

Takumã Kuikuro
Alessandro Barbosa Lopes

Doi: 10.35260/54210119p.274-290.2022

**Essa forma de se aproximar do mundo:
entrevista com Rose Satiko.....274**

Rose Satiko Gitirana Hikiji
Antônio George Lopes Paulino
Daniele Borges Bezerra

Doi: 10.35260/54210119p.292-318.2022

**Não há uma Antropologia que não dialogue com as outras áreas:
entrevista com Denise Cardoso.....292**

Denise Machado Cardoso
Alessandro Ricardo Pinto Campos
Antonio Jerfson Lins de Freitas
Eric Silveira Batista Barreto

Doi: 10.35260/54210119p.320-336.2022

**As imagens se recusam a dizer o que pensam, porque pensam de
outra maneira: entrevista com Etienne Samain.....320**

Etienne Ghislain Samain
Alessandro Ricardo Pinto Campos

Colaboradores via crowdfunding.....337

Índice remissivo.....339

Doi: 10.35260/54210119p.292-318.2022



Denise Machado Cardoso é geminiana nascida no mês das festas juninas, em Belém do Pará. Coursou História e Antropologia na Universidade Federal do Pará (UFPA), onde hoje atua como professora na Faculdade de Ciências Sociais e na pós-graduação em Sociologia e Antropologia.

Trabalha com projetos de pesquisa e extensão na terra dos Aruans e de outros povos originários, lugar também conhecido como Marajó. Visagem é o nome do grupo de pesquisa que coordena e onde congrega pessoas que também atuam na Antropologia Visual. O GEPI é o grupo de estudos sobre populações indígenas - primeiro grupo de pesquisa da UFPA voltado para as pesquisas dos povos originários - foi fundado pela professora Eneida Correa de Assis e atualmente é coordenado por Denise Cardoso.

Não há uma Antropologia que não dialogue com as outras áreas: entrevista com Denise Cardoso¹

Denise Machado Cardoso
Alessandro Ricardo Pinto Campos
Antonio Jerfson Lins de Freitas
Eric Silveira Batista Barreto

Nilson Almino: Então, professora, a primeira questão que eu queria que você pudesse explorar é exatamente contando a sua trajetória no campo da Antropologia Visual – desde quando começou, os diferentes momentos, até o momento atual.

Denise Cardoso: Eu gostaria de iniciar chamando a atenção que o que foi mais impactante em relação a essa adesão pelo uso da imagem na pesquisa antropológica foi iniciado no mestrado em Antropologia Social. Eu fui orientada por uma pessoa que agregava esses elementos na Antropologia, no caso a professora Lígia Simonian, que é professora do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA). Ela me chamava atenção porque unia alguns temas que eu gostaria de trabalhar, que era gênero, meio ambiente e, ao



¹ A entrevista foi realizada em 26 de junho de 2020 e pode ser assistida em sua versão integral em <https://youtu.be/XOguaDx3yyQ>. Os entrevistadores foram: Alessandro Ricardo Pinto Campos, Nilson Almino de Freitas e Antonio Jerfson Lins de Freitas.

longo do projeto que eu estava desenvolvendo, eu percebi que era possível trabalhar também a questão da imagem no projeto da dissertação.

Então, a maneira como ela orientava me fez perceber que uso da imagem, no caso da fotografia, era muito interessante e diferente do que as pessoas geralmente usavam àquela altura, ou seja, final da década de 1990; ainda se colocava em alguns trabalhos as imagens em anexo, não vinham no corpo do texto. As imagens não eram trabalhadas, não eram comentadas, eram uma composição de maneira ilustrativa. A partir dessa discussão percebi que a imagem estava presente em várias outras disciplinas e com outros professores e professoras. Por exemplo, a orientação que a professora Angélica Maués dava sobre a apresentação do *lócus* da pesquisa, da inserção em campo, era muito inspirada na literatura. E a ideia qual é? Se nós não tivermos uma câmera fotográfica, ou uma filmadora, ou se não tivermos outros aparatos técnicos para registrar a imagem, ela pode vir também na escrita, ou seja, a narrativa e a apresentação do *lócus* da pesquisa, dos rituais, das pessoas, interlocutores e interlocutoras, devem ser feitas de tal maneira que a pessoa que venha a ler a dissertação também visualize esta inserção.

Então pode entrar a questão do imaginário porque a gente imagina como seria aquela pessoa, como seria aquele ambiente, como seria aquele ritual. E aí a descrição, que não era uma preocupação ainda, como descrição densa no sentido de Geertz, mas no sentido de apresentar de fato elementos para que as pessoas acompanhem a nossa pesquisa, como se a gente estivesse levando leitores e leitoras à campo.

Os livros como *Os Nuer*, de Evans-Pritchard, são alguns dos exemplos que a gente vê; há desenhos e também há fotografias e isso chama atenção porque vai para além daquilo que a gente imagina, ou seja, a gente extrapola o imaginário e tem elementos concretos trazidos para esse texto. Além disso, na própria Antropologia americana, nós também temos outras, principalmente a partir das obras de Ruth Benedict, Margaret Mead e há uma inserção muito importante sobre o uso das imagens, além da descrição, também a imagem fotográfica e os desenhos.

Eu gostaria também de frisar que, durante o mestrado, no final da década de 1990, nós realizamos, incentivados pelo professor Ernani Chaves, muitas visitas técnicas ao Arte Pará, que é um evento que agrega um con-

curso e exposição de obras artísticas. Tivemos uma experiência semelhante quando nós fomos numa visita ao Fórum Landi e vários outros pontos a partir da perspectiva da urbanidade. A visita que nós fizemos ao Museu de Arte Sacra e na Galeria Fidanza, com o professor Samuel Sá, chamava atenção para essa questão das imagens a partir das artes plásticas, principalmente a escultura, mas também com a fotografia.

Um pouco antes de fechar o período do mestrado, houve um colóquio de fotografia em Belém com o pessoal da fotografia, em parceria com o Instituto de Artes do Pará, e foi apresentada a conferência principal, que foi a do Etienne Samain. Eu percebi que era um antropólogo se apresentando num ambiente de arte e falando de uma maneira diferenciada dos demais. O Etienne Samain foi uma pessoa que reforçou de maneira marcante esse meu interesse pela fotografia.

Quando eu passei a colocar em prática o meu projeto de pesquisa de dissertação, a fotografia foi uma maneira de maior inserção e me chamou atenção muito isso porque foi o modo como fui agregada ao grupo. Porque como eu pesquisei sobre pesca, e eu não sabia nada sobre pesca, e ainda não sei pescar, não sei preparar, nem cuidar e nem dos apetrechos, eu fui aceita por conta da fotografia a trabalhar numa área de manguezal do litoral paraense. Pesquisava a questão ambiental e de gênero porque havia atividade de mulheres na pesca, principalmente na produção e beneficiamento de massa de caranguejo.

Eu cheguei interessada em fazer as fotografias e, no primeiro momento, eu pedia autorização. À medida em que eu ia registrando e trazendo o retorno à comunidade, as pessoas foram me aceitando e eu nem precisava pedir autorização a todo momento. Como eu trazia as fotos reveladas, não havia câmera digital - era necessário fazer a revelação - eu levava as fotos de volta. Então eu passei a ser a fotógrafa. Eu lembro que havia, por exemplo, alguém que tinha barco novo; foi construído um barco e aí pediram para ir lá na casa para fotografar. Ou então a casa tinha sido recém-construída, ou havia uma festa, um batizado, um aniversário ou alguém queria mandar uma fotografia para parentes – não havia, nesse momento, esses aplicativos – e isso fez com que eu adentrasse determinados espaços domésticos que antes eu não teria conseguido. Percebi que era, ao mesmo tempo, o motivo para inserção e era um resultado

da pesquisa, porque eu fotografei os ambientes da casa e também dos manguezais e da pesca de beira com os currais.

Esse cotidiano, dos pescadores e pescadoras, das mulheres de modo geral, foi registrado dessa maneira e foi uma coisa que facilitou porque, como eu queria fazer uma pesquisa bem no estilo da pesquisa de campo, da etnografia, então eu perguntava muito, eu queria saber muito das coisas, eu perguntava praticamente sobre tudo.

No caso da fotografia, eu percebi depois a diferença do primeiro registro, do primeiro momento, até praticamente o final da pesquisa. Tenho fotos feitas a metros de distância do pessoal lá na beira do rio pescando e depois eu tenho uma em que eu me agachei de frente para o pescador tirando o caranguejo da sua rede. Há uma diferença muito grande, porque eu lembro que ele parou e permitiu ser registrado. E antes eles me desprezavam; no princípio e ao longo desse processo foi sendo feita toda essa inserção.

Durante o mestrado, a gente leu e releu em várias oportunidades os “*Argonautas*”, principalmente a introdução desta obra do Bronislaw Malinowski, em relação à inserção e aos imponderáveis da pesquisa etnográfica. E aí me remeto também à influência de Malinowski porque a gente discutia muito nas aulas quais seriam as dificuldades, naquele momento, como ele fez, de levar câmera, lâminas, conseguir fazer com que houvesse, de fato, o registro fotográfico.

Parecia que era uma grande aventura para nós porque já era difícil aquele momento, final da década de 1990, levar câmera, gravador, levar várias coisas – e quem pesquisa pesca está sempre no ambiente muito relacionado à beira de rio, aos igarapés, aos mangues, então tem que ter cuidado para conservar os equipamentos. Imagine como foi a

Parecia que era uma grande aventura para nós porque já era difícil aquele momento, final da década de 1990, levar câmera, gravador, levar várias coisas – e quem pesquisa pesca está sempre no ambiente muito relacionado à beira de rio, aos igarapés, aos mangues, então tem que ter cuidado para conservar os equipamentos. Imagine como foi a aventura dos primeiros antropólogos, no caso principalmente dessa linha da antropologia britânica.

aventura dos primeiros antropólogos, no caso principalmente dessa linha da antropologia britânica.

Minha orientadora acompanhou toda a produção dos capítulos da dissertação e, à medida que eu ia inserindo as fotos, ela ia fazendo a orientação também nestas escolhas. Quais seriam os dados etnográficos daquela foto? Quais seriam os dados etnográficos que eu gostaria de chamar atenção e quais as fotos que, de fato, seriam representativas? E, além disso, manter a coesão do texto com imagem escrita era uma coisa que me chamava bastante atenção e que foi um aprendizado.

À medida que eu desenvolvi essa pesquisa, eu lembrei na época da especialização que eu fui orientada pela professora Eneida Assis. A especialização tem um tempo mais curto que uma dissertação, e eu tinha menos experiência, ela disse “use o desenho”. Aí foi muito mais fácil porque o desenho traria o modo como os alunos representam os professores dessa escola. Eu usei desenhos e gravuras feitos, elaborados, durante a pesquisa, mas eu não incorporei tal como é feito pela Antropologia Visual hoje, ou seja, como poderia ser feito hoje. Há uma discussão, por exemplo, no Comitê de Antropologia Visual, principalmente, Fabiana Aina Azevedo, sobre essa questão dos desenhos, que também são importantes em termos da imagem, porque desenho a gente às vezes despreza de uma maneira preconceituosa, não desenvolve as nossas habilidades de adultos, e desprezamos porque parece coisa de criança. E os desenhos são utilizados quando nós fazemos nossos croquis, os nossos gráficos e tabelas, os fluxos das águas e da movimentação conforme as relações de parentesco, fluxos econômicos ou políticos, ou seja, a gente trabalha muito com gráficos, com desenhos, rabiscos e, às vezes, a gente não considera e não agrega sequer na nossa produção final.

Lembrei também de uma oficina que eu participei com o pessoal da Universidade Federal de Goiás que pesquisa povos indígenas. O refinamento dos desenhos desses povos indígenas é bastante superior à maioria dos não-indígenas, justamente porque é eles desenvolvem essa habilidade de maneira mais espontânea.

Atualmente, eu estou retomando essa experiência, principalmente no Comitê de Antropologia Visual (CAV), da Associação Brasileira de Antropologia, porque o desenho é algo substancial na Antropologia Visual.

Além desse aspecto, eu gostaria de me reportar à própria graduação. Cursava graduação em História e havia a Casa de Estudos Germânicos, que sempre divulgava a produção fílmica de obras nacionais, mas também de diretores e produtores da Alemanha. Havia uma espécie de cineclub e foi em uma destas oportunidades que conheci a Célia Maracajá, que é atriz e cineasta. Há dois anos eu reencontrei a Célia Maracajá e nós tivemos um projeto de extensão conjunto e bem proveitoso, bem rico, que foi com povos indígenas Gavião e Tembê.

É um projeto de extensão muito importante porque os povos indígenas estão se apropriando dessas tecnologias atuais de comunicação e, ao mesmo tempo, de produção audiovisual para apresentar sua própria narrativa, para apresentar a sua visão de mundo, a sua compreensão sobre esse mundo próprio de indígena e de não-indígenas.

A universidade é um ambiente muito favorável para a gente aprender muita coisa para além das nossas áreas e cursos de graduação. Havia bastante cineclubes e eu lembro que conheci cineastas como o Januário Guedes e a Luzia Álvares, que atualmente coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Gênero Eneida de Moraes (GEPEM). Ela tinha a coluna Panorama sobre cinema, no Jornal Liberal, que eu acompanhava como leitora assídua.

A partir das décadas finais do século passado e neste momento inicial do século XXI, a Antropologia Visual parece que ganhou um fôlego maior e, nesse sentido, a própria pós-graduação em Antropologia e Sociologia ganha também um relevo com as discussões que passaram a ser mais incrementadas. A figura da professora Diana Antonaz, uma pessoa já falecida, mas que foi muito importante nessa discussão no âmbito do PPGSA.

A ideia de criar um grupo com essa temática foi sendo organizada por estudantes da pós e, em um certo momento, vieram me procurar para lançar oficialmente o Grupo de Antropologia Visual. Veio o Alessandro Ricardo Campos, o Milton Ribeiro, a Leila Leite, a Deila Baia e o Breno Sales. E assim aconteceu. Nos reunimos e, em 2013, nós lançamos, o grupo foi formalmente registrado no diretório do CNPq, as propostas de eventos foram sendo trabalhadas e realizamos as exposições coletivas, artigos, aulas, minicursos. Então de 2013 a 2014, praticamente é como se houvesse um *boom* de coisas e a gente fazendo de modo virtual. A maneira como nós trabalhamos é

muito virtual, então antes desse momento de isolamento, de pandemia, a gente já fazia essa reunião segundo um modelo de um trabalho remoto, usando as reuniões à distância intermediadas pelas tecnologias de comunicação; nossas reuniões virtuais são muito produtivas, sempre foram.

Em 2014 nós tivemos o que seria um grande evento do Grupo de Pesquisa em Antropologia Visual e da Imagem (VISAGEM) que foi o Primeiro Encontro de Antropologia Visual da América Amazônica. Nesse aspecto a gente vem, de dois em dois anos, lançando. Nós vamos para a quarta edição desse encontro de Antropologia Visual, que não se restringe ao que é produzido na Amazônia – é o lugar da pesquisa e o lugar do encontro.

Ao mesmo tempo, nós temos também o Festival do Filme Etnográfico, que faz com que a gente trabalhe em rede. Nós temos uma produção fílmica bem interessante no Estado do Pará, na Amazônia como um todo, mas no Pará o cinema é algo bem significativo. Muitas pessoas perguntavam o que diferencia esse filme etnográfico de um filme não etnográfico, e as exposições, o concurso, a seleção, de algum modo, vêm popularizando, vêm dando maior visibilidade do que é a Antropologia Visual em termos da produção fílmica. Nesse sentido, o grupo VISAGEM é que incentiva e busca a produção, mas também a divulgação dessas obras relacionadas à Antropologia Visual, seja a partir da fotografia, do cinema ou a partir do desenho, das gravuras, do que nós teremos em termos de paisagens sonoras da própria diversidade do audiovisual. Seriam essas considerações em termos dessa trajetória inicial.

Alessandro Campos: Antes de fazer minha pergunta e seguir aqui o roteiro, eu acho interessante você falar um pouco da tua produção, do filme que está saindo: “Maria, a par-

Ao mesmo tempo, nós temos também o Festival do Filme Etnográfico, que faz com que a gente trabalhe em rede. Nós temos uma produção fílmica bem interessante no Estado do Pará, na Amazônia como um todo, mas no Pará o cinema é algo bem significativo. Muitas pessoas perguntavam o que diferencia esse filme etnográfico de um filme não etnográfico, e as exposições, o concurso, a seleção, de algum modo, vêm popularizando, vêm dando maior visibilidade do que é a Antropologia Visual em termos da produção fílmica.

teira” e o projeto de extensão lá do Melgaço de Portugal com o Melgaço do Marajó; eu acho interessante contar porque isso é bem importante na sua trajetória com a Antropologia Visual. O contato com as pessoas do Marajó, do Minho, com o Festival Internacional de Documentário de Melgaço e essa junção desses dois pedaços do planeta, que acabaram se encontrando, essa ponte quem fez foi o audiovisual e foi o grupo com o José Ribeiro, naquela conversa, em 2014, que nasceu – o Renato está assistindo – durante o avanço sobre aproximação das duas cidades irmãs. Depois de você falar um pouco sobre isso eu faço a pergunta daqui do roteiro.

Denise: Foi em 2016, no segundo Encontro de Antropologia Visual da América Amazônica (EAVAAM), que nos encontramos e houve essa surpresa por parte do José Ribeiro, da existência de cidades homônimas, Melgaço, no Marajó, e o interesse dele em relação ao Melgaço de Portugal, Melgaço do Minho. Lá existe o festival do cinema que agrega essa questão da própria Antropologia com outras artes, não apenas o lado acadêmico, mas o artístico também. E nessa conversa houve o início da ideia de fazer a aproximação entre as duas cidades a partir do cinema. Nós fizemos vários ensaios de como seria essa aproximação: seria a partir de uma carta, de uma vídeo-carta, trazendo ideias de pessoas de Melgaço das duas regiões, de dois continentes? Ou seria a partir de filmes? Então nós produzimos vídeos de pequeno formato para apresentar Melgaço do Marajó às pessoas de Melgaço de Portugal e foi bastante interessante porque nós fizemos uma pesquisa para produzir este pequeno filme de apresentação. Em 2017, nós participamos do projeto em Melgaço do Minho de maneira virtual, com apresentação do nosso filme, e já no ano seguinte houve a participação presencial.

A partir de 2018, nós já começamos a elaborar e colocar em prática o projeto de extensão, que consistia em ofertar as oficinas inspiradas na metodologia trazida por Jean Rouch. Por isso, nós não chegamos com um projeto pronto e colocamos nossa ideia a partir de algumas diretrizes para produzir conforme a realidade local fosse se apresentando. O projeto começou a se ramificar e a se desdobrar de tal maneira que surgiram outros subprojetos. Então, a gente ofereceu as oficinas de fotografia e de produção de filmes e, ao mesmo tempo, nós fizemos exibição de filmes. Foi lançada uma espécie de semente nesse solo fértil de Melgaço, no Marajó, inspirada em Jean Rouch, com o objetivo de manter o diálogo

com Melgaço, de Portugal, a partir do apoio de José Ribeiro e foi uma experiência muito proveitosa.

Em 2018 foi muito interessante porque nós demos início à produção dos filmes sobre os professores, sobre parteiras e um subprojeto para falar das mulheres que vivem neste município. O apoio institucional veio da Universidade Federal de Goiás e da Universidade Federal do Pará, do grupo VISAGEM e da prefeitura de Melgaço. Tivemos a participação da Lorena Costa, Michel Ribeiro, Márcio Cruz, Mauro Castro, além do Alessandro Campos e da Priscilla Brito. Embora nós fôssemos desconhecidos, havia o interesse das pessoas em perguntar o que nós fazíamos e essas curiosidades de quando a gente está em campo.

Exibimos os resultados em 2019, no Festival do Filme de Melgaço, em Portugal, onde contamos nossas experiências, dialogamos com outros produtores, com outras pessoas que realizam e que têm nessa vertente do cinema um grande nicho para produção. O projeto Melgaço é algo que nos desperta muito carinho porque agrega mais pessoas do grupo VISAGEM e outras parceiras, como a Maria Alice, que é da Universidade Federal de Goiás, e o José Ribeiro, um grande apoiador dessas realizações. O projeto nos permitiu fazer essa inserção no Marajó, ao mesmo tempo em que provocou a ponte para inserção no diálogo em Portugal e com outras universidades do Brasil, que, para nós, foi algo de extremo aprendizado.

Uma coisa que nos causa alegria é realizar a proposta em outro município do Marajó. Quando saiu um edital na própria Universidade Federal do Pará, direcionado especificamente à região do Arquipélago de Marajó, apresentamos uma proposta para replicar o projeto Melgaço no município de Soure, que tem uma outra realidade, porque é uma realidade litorânea. Como eu falei antes, nessa metáfora do solo fértil, o audiovisual é uma relação muito interessante para as pessoas e por isso agregamos o Felipe Bandeira Netto e o Paulo Henrique dos Santos.

Uma coisa que me chamou atenção, a partir do momento em que se cria o grupo VISAGEM, em 2013, é que a gente vai agregando as pessoas em torno dessa temática. Eu me vi, cada vez mais, inserida nesse campo da Antropologia Visual e na ABA; isso foi mais forte a partir da participação do Comitê de Antropologia Visual, sob a coordenação da Lisabete Coradini e que contava com a participação de outras pessoas muito queridas.

Eu gostaria de registrar o quanto foi importante para o Festival do Filme Etnográfico do Pará, a inspiração e o apoio do Renato Athias; isso é de uma importância enorme termos esse apoio próximo para tirar dúvidas, para incentivar, para a gente dialogar. É algo que nos motiva a continuar porque é muito prazeroso e divertido. O festival é algo que nos dá muito prazer, muita satisfação, uma alegria muito grande.

No Colóquio de Cinema e Antropologia, que foi uma coisa fantástica, os trabalhos foram ótimos e nos deram a oportunidade de ver outras possibilidades, olhares e aprendizados, porque nesses eventos, nesses encontros e projetos, a gente aprende muito, em relação, por exemplo, a esse cinema que é produzido pelos povos indígenas; é um outro olhar, são outras motivações, é uma outra forma de ver o tempo, de editar, de construir a sua narrativa, de apresentar a sua narrativa a partir do cinema.

Sobre o nome do Grupo, também gostaria de ressaltar que é de uma importância muito particular. Foi uma proposta do Milton Ribeiro porque *visage*, em francês, é rosto, a imagem da face e, para nós, visagens são as assombrações, são as maneiras de aparições dos encantados e, às vezes, das assombrações e dos fantasmas aqui na nossa região amazônica. O VISAGEM tem esse apelo local e, ao mesmo tempo, internacional e relacionado à imagem. Foi uma proposta que foi aceita e acatada, de imediato. Qual vai ser o nome do nosso grupo? A proposta que calou fundo a todos nós foi a proposta do Milton Ribeiro em relação a essa ideia da visagem.

O VISAGEM tem essas características, essa ramificação dos eventos de produção e também das aulas, porque na pós-graduação nós, de maneira recorrente, estamos oferecendo disciplina junto com estudantes e pessoas do grupo VISAGEM que já saíram da pós-graduação ou que ainda estão desenvolvendo seus trabalhos. Temos o Daniel Fernandes, que faz parte do grupo VISAGEM e está relacionado à pós-graduação no município de Bragança, também aqui no Pará, e temos a participação de pessoas que vão sendo agregadas conforme as nossas atividades. Mas a inserção em campo, com pesquisa e extensão, é algo que faz com que a gente coloque em prática o que nós já conhecemos e aprendemos mais coisas, especialmente quando temos pessoas mais experientes em campo com outras não tão experientes. No caso do Projeto Gavião, que eu citei, temos a Shirley Pennaforte, uma pessoa com muita experiência em fotojornalismo e de-

terminadas realidades no campo da Comunicação; temos a Carolina da Matta e o Mauro Castro. Com os grupos indígenas, o Alessandro tem essa experiência, sua pesquisa com os Kayapó, e também a Denise Sá, que é uma das fotógrafas que faz parte desse grupo. A extensão é como se fosse o espaço de intersecção de tudo isso que a gente faz. A gente vai a campo, a gente observa, a gente apresenta e exhibe, a gente ensina e troca muito.

Alessandro: Denise, qual a importância da Antropologia Visual no campo da produção do conhecimento científico?

Denise: Eu parto dessa ideia da interdisciplinaridade. Eu já escrevi sobre essa questão a partir do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, no livro organizado pela Fabiana Gama, falando sobre a importância da interdisciplinaridade, que é algo presente na Antropologia desde a sua formação, desde a sua fundação. A gente sempre faz a pesquisa tendo um foco, mas não esquece de abarcar as outras partes. Não há uma Antropologia que não dialogue com as outras áreas e, ao mesmo tempo, com esse diálogo, a gente vai se apropriando desses outros conhecimentos.

No caso da Antropologia Visual, especificamente, essa demonstração se torna evidente porque a gente trabalha também com o aparato técnico, não só da fotografia, do cinema, de maneira conjunta. A gente trabalha sempre em equipe, principalmente na produção fílmica. Não existe a produção de uma pessoa no cinema, existe sempre a equipe, a gente não abarca, não consegue dominar tudo. Não existe essa autossuficiência de alguém que pesquisa na área de antropologia visual. Estar aberto a esse diálogo, a essa incorporação de outros elementos, é muito importante.

Eu parto dessa ideia da interdisciplinaridade. Eu já escrevi sobre essa questão a partir do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, no livro organizado pela Fabiana Gama, falando sobre a importância da interdisciplinaridade, que é algo presente na Antropologia desde a sua formação, desde a sua fundação. A gente sempre faz a pesquisa tendo um foco, mas não esquece de abarcar as outras partes. Não há uma Antropologia que não dialogue com as outras áreas e, ao mesmo tempo, com esse diálogo, a gente vai se apropriando desses outros conhecimentos.

Essa é uma postura que eu recomendo para quem é da área da Antropologia e da Antropologia Visual: se permitir nesse aprendizado e fazer com que haja a incorporação desses conhecimentos. Conforme eu tinha chamado atenção, há uma hegemonia do texto escrito, parece que a gente ainda está muito subordinado a um modelo de apresentar a nossa produção, apenas, em artigos, capítulos de livro ou livros. Qual a importância, por exemplo, hoje, em se tratando da nossa metodologia? Há uns meses eu fiz um texto de uma reflexão: como é que fazemos agora com o confinamento? Se as pessoas que nós estamos pesquisando estão isoladas, ou pelo menos se espera que estejam, se recomenda que estejam. E grupos indígenas, então, há uma delicada situação em termos de proteção para esses povos. O mesmo para populações quilombolas e ribeirinhas. Como interagir nesse momento? Então a reflexão que se faz é muito pelo ciberespaço, vamos aproveitar esse momento e inovar, no sentido de agregar outras práticas e outras reflexões em termos metodológicos, com apresentação concreta de resultados bem exitosos. Qual é a importância, por exemplo, de dar uma devolutiva de pesquisa a partir da fotografia, do filme, de gravuras? Qual a importância de incorporar os croquis dos desenhos e a produção de imagens feitas pelas pessoas com quem nós estabelecemos diálogo? Como é que nós podemos mostrar que a gente não precisa ficar amarrado ao modelo vigente de uma ciência que tem um modelo único? Nós, das Ciências Humanas, já somos questionados em termos dessa cientificidade; na Antropologia, por conta desse diálogo com as artes e com outras áreas, também cai e recai essa dúvida acerca dessa cientificidade, e na Antropologia Visual, isso recai ainda mais. É como se nós estivéssemos numa periferia da ciência. A nossa permanência e o nosso trabalho são de resistência, o fato de nós existirmos já é resistência e, mais ainda, quando a gente produz com grupos que são marginalizados.

Eu vejo que a Antropologia Visual tem uma potência muito grande para essa renovação, essa reflexão do conhecimento científico. Se nós temos uma oportunidade de divulgar, a divulgação tem várias possibilidades concretas de apresentação. Mas eu creio que as pessoas trabalham com muita seriedade; a intenção, o objeto que se coloca a partir de um objetivo específico, seus objetivos e a realização do projeto, eles têm essa característica de estar fortalecido. Se nós tivemos esse avanço da ampliação dos usos das imagens e do audiovisual, do final da década de 1990 para cá, se antes não

se falava em Antropologia Visual na Universidade Federal do Pará da maneira como se faz agora, se nós não tínhamos disciplinas no quadro do Programa de Pós-Graduação, se nós não tínhamos projetos de pesquisa, grupo de pesquisas, atualmente, nós já temos os eventos, nós já temos possibilidades de criar esse espaço junto com o curso de Cinema do Pará, como também outras parcerias, com a Associação de Críticos de Cinema do Pará e com a Casa das Artes. Eu vejo isso de uma maneira muito promissora.

Jerfson Lins: Professora, quais são as principais dificuldades que os pesquisadores enfrentam para produzir trabalhos na área de Antropologia Visual hoje?

Nilson: Denise, você até já chegou a comentar algumas coisas nessa questão do preconceito com relação ao uso da imagem, em função da priorização da escrita, falou de algumas dessas dificuldades. Mas eu também queria trabalhar isso do ponto de vista da interdisciplinaridade, que você colocou, uma dificuldade na própria definição do que seria uma obra no campo da Antropologia Visual. Eu queria que você comentasse também se é válido ter trabalhos como dissertações ou teses, ou então mesmo TCC de graduação, só com imagens.

Jerfson: Queria acrescentar só que essa questão do uso da imagem já é uma coisa que vem sendo utilizada nos programas de Comunicação Social. Produção de filmes como trabalho final, o próprio livro-reportagem já é também uma forma de trabalho final, e eu já vi um trabalho bem interessante de um colega que queria fazer o trabalho final dele em forma de HQ, de quadrinho, que é uma linguagem ainda pouco utilizada, mas já ganhou Pulitzer, inclusive. Há vários trabalhos interessantes, com linguagens que têm ganhado um destaque muito grande, mas que na academia ainda são vistos com certo receio; como é que isso pode contribuir?

Denise: Eu já estou fazendo essas experiências, de como é que a gente pode apresentar, por exemplo, um relatório. E nesse projeto Gavião Tembê nós elaboramos conjuntamente, no caso da equipe, agregando as fotografias tanto das pessoas que foram a campo quanto de quem estava participando das oficinas. E a narrativa foi com imagens, foi apresentada a imagem e um texto pequeno de apresentação na sequência, mas, principalmente, com as legendas, o título da foto e com o mínimo possível de escrita. Ficou muito bom e bem interessante. Eu encaminhei para a faculdade, a pessoa

que deu o parecer elogiou muito, mas ela ressaltou o seguinte: pode até ser aprovado na faculdade, mas não vai passar daqui porque é obrigatório apresentar no formato de relatório da instituição. Internamente, eu não vi resistências; no caso da Antropologia e das Ciências Sociais eu vi até uma aceitação de um outro formato, de uma outra maneira de relatar o que foi feito. Mas a gente esbarrou em questões institucionais porque não haveria outra possibilidade. Então, o que eu fiz foi apresentar o relatório no formato oficial e apresentei, como anexo, o relato feito a partir das imagens. Eu não joguei fora o que havia feito, até para mostrar que a gente pode ter outras alternativas. Eu creio que é importante a gente experimentar, a gente avançar nisso; “Não é possível?, mas vamos tentar. “Não vai ser permitido, não vai ser aprovado?”, mas vamos tentar, vamos experimentar juntos. Não é aceito numa dissertação um filme, mas é possível a gente agregar o filme nesse texto e, às vezes, o filme é mais interessante do que a própria dissertação ou vice-versa. Mas aí também vai depender muito da temática, do interesse da pessoa em escolher essa área, essa vertente mais metodológica, de uso de imagem, pela interdisciplinaridade de buscar dialogar com as outras áreas. A arte é comunicação, e a linguagem da comunicação, principalmente jornalística, tem uma outra pegada.

Uma coisa que eu recomendo, para quem está fazendo mestrado ou mesmo doutorado, é não ficar restrito às disciplinas optativas eletivas do programa. Escolha conforme a sua temática: se é na área de audiovisual, então vá fazer disciplina, curso, oficina, nessas áreas de cinema, de museologia, de fotografia, de comunicação, de letras, construa o seu projeto para que ele reflita essas incorporações e esses saberes. Sempre a gente tem que primar pela técnica, sim; se for possível, aprender a construir, elaborar essa narrativa com imagens no sentido técnico, no sentido da estética e, ao mesmo

Uma coisa que eu recomendo, para quem está fazendo mestrado ou mesmo doutorado, é não ficar restrito às disciplinas optativas eletivas do programa. Escolha conforme a sua temática: se é na área de audiovisual, então vá fazer disciplina, curso, oficina, nessas áreas de cinema, de museologia, de fotografia, de comunicação, de letras, construa o seu projeto para que ele reflita essas incorporações e esses saberes.

tempo, com a nossa área, que é a área da Antropologia. Eu creio que cabe a nós abriremos, alargarmos esse horizonte e esse escopo do que seria Antropologia Visual. A gente tem que mostrar os resultados com essas alternativas porque, às vezes, a gente espera concluir para depois apresentar uma cartilha ou um filme.

Temos, sim, que sermos ousados e nos fazer presente em vários âmbitos, em vários lugares, em vários espaços, como a Antropologia faz. A Antropologia é chamada para consultoria em relação à culinária, ao lançamento de produtos no mercado porque faz parte dos costumes das pessoas. Quem é que compreende, ou tenta compreender, essa questão cultural além dos antropólogos e antropólogas? A gente sabe como abrir e conquistar espaços, como fazer com que essa ciência seja respeitada. Se há preconceitos também há muito respeito e, nesse sentido, é essa antropologia pública, essa antropologia aplicada e compartilhada, essa antropologia que não se restringe ao espaço acadêmico, mas que está voltada também para dar o retorno à sociedade, não apenas por uma questão ética, mas porque é um conhecimento que precisa ser compartilhado com todos e todas. Eu acho que a partir dessa linha de raciocínio a gente vai ter avanços e uma maior aceitação.

Nilson: Achei sua fala bem condizente com uma pergunta que eu fiz a um entrevistado da ABA, que foi exatamente sobre essa questão, da forma como a Antropologia Visual pode contribuir para que a ciência recupere um espaço que está sendo tomado pelo achismo; as pessoas estão se baseando muito em relação ao achismo. O uso das imagens e redes sociais tem contribuído muito para isso, as imagens fora de contexto, sendo ressignificadas de acordo com determinados pontos de vista e a ciência vai sendo desacreditada aos poucos. A Antropologia Visual, de certa forma, está bem posicionada num ponto em que pode contribuir para que a ciência recupere esse espaço, e, ao mesmo tempo, que ela inove na linguagem acadêmica, fazendo essa aproximação com a população geral.

Denise: Gostaria de comentar em relação a essa ideia da entrevista, parece que é uma coisa dada, se faz uma pesquisa qualitativa, quantitativa, entrevistas, mas não se problematiza, não se tensiona. Uma vez eu participei de uma banca e a pessoa disse: “olha, eu usei dados oficiais, por exemplo, IBGE”. Mas ela não se deteve apenas a isso, ela foi explicar

que, mesmo sendo dados oficiais e, dependendo do contexto do governo, da maneira como foi feita a coleta e da sistematização dos dados, há lacunas. A metodologia, quando apresentada, é de uma riqueza muito grande, porque aí a gente aprende com os outros, com seus erros e acertos, como é que se faz. Foi fácil por isso, foi difícil por aquilo, eu tive esses desafios, eu superei dessa maneira; para nós, que estamos lendo, é um aprendizado muito interessante. O que, às vezes, a gente esquece é que a nossa produção acadêmica vai entrar numa arena de discussão, uma arena de debate; então é como se a gente realmente estivesse conversando, debatendo. Não é uma mera descrição, como se fosse um rol de técnicas; mas é como essas técnicas e esse procedimento metodológico foram incorporados ao longo da pesquisa. A gente apresenta um projeto, lógico, é uma projeção, é um plano e nem sempre ele é realizado dessa maneira por vários motivos. Se, ao longo do percurso, a gente resolver mudar, a gente apresenta essas maneiras de atualização: o que eu pensei no início e o que eu estou apresentando no final. Se eu tinha esse objetivo no início e mudei foi por essas condições; se eu tive esse objetivo e mantive, eu tenho esses resultados, nessas condições.

A escrita do texto e a maneira como a gente apresenta os resultados, seja a partir da escrita ou a partir das imagens, tem que dar elementos para que se instale, realmente, uma base de diálogo. Se eu estiver falando para mim, apenas, ou pensando apenas em uma banca, fica mais restrito, vai ficar um monólogo, vai ficar uma coisa restrita a um *petit comité*. Se a gente quer abrir ao grande público, é aí que entra essa questão, a gente tem que dar elementos e tem que estar numa linguagem acessível. Acho muito interessante quando se pensa nessa parte metodológica; às vezes é exaustivo, mas, às vezes, é muito resumido, parece um protocolo: “tem que apresentar a metodologia, eu vou apresentar algumas técnicas e vou passar logo para os resultados”; mas é interessante pensar essa maneira de dialogar a metodologia, como eu havia falado antes, levantar essas questões, aproveitar esse debate metodológico para convencer o quanto é interessante o uso das imagens nessa ação da Antropologia.

Alessandro: Só um complemento sobre a discussão, que eu acho interessante, que é exatamente a trajetória da pesquisa. Eu lembrei agora de um pedaço da minha tese, da minha orientadora também aqui, a Denise, sobre o “*Homo Academicus*”, do Bourdieu. Ele fala que interessa muito o

percurso, o resultado: eu construí essa casa aqui; usei o quê? Tijolo, massa, água, concreto? O que tu aconselhas para um pesquisador que está iniciando no campo da Antropologia Visual? Quais são os teus conselhos para alguém que está se aventurando nesse caminho?

Denise: Como se trata dessa interface com outras áreas, eu acredito que há um trabalho paralelo, um aperfeiçoamento técnico, essa questão técnica da fotografia, do uso da câmera, luz, ao mesmo tempo a produção fílmica, conhecer as etapas de produção de um filme, como é que se trabalha, dialogar com as pessoas que produzem. Eu acho que a gente tem que procurar pessoas que nos inspirem e, às vezes, não estão muito longe. Por exemplo, agora, neste momento de restrição dos espaços de circulação, há uma oferta muito grande de cursos de fotografia e de outras temáticas, então é possível a gente aprimorar a técnica cada vez mais. A Antropologia Visual vai exigir esse aprimoramento; pode ser uma coisa autodidata? Possivelmente, porque trabalhar com esse aparato, como eu já chamei atenção da própria ferramenta que é apresentada, já falei da telefonia celular, a gente já pode fazer essa experimentação. Mas se a pessoa tiver uma câmera com técnicas mais refinadas, com possibilidades de uma lente diferenciada, com aprimoramento do conhecimento de usar a luz a seu favor, ou o posicionamento e uma direção e edição dessas imagens, ou mesmo a captação do som. Mesmo quando a gente está em equipe, a gente tem que se permitir aprender juntos. É interessante acompanhar, mesmo ao longe, o trabalho do Márcio Cruz, em Melgaço.

Essa dificuldade, essa outra técnica em relação à edição, ou com Paulo Henrique e José Ribeiro, em Soure, essa maneira de captar o som para produção do filme, são coisas bem diferentes. Então como é estar em campo e ao mesmo tempo fazer essa pesquisa, fazer essa inserção, de tal modo que a gente tenha as imagens e que não seja algo artificial? Tem que estar o mais próximo possível do que as pessoas fazem quando estão longe das câmeras. Por quê? Porque quando dizem assim: “olha, vamos fazer uma fotografia”, as pessoas prontamente mudam a posição, a sua postura, e ficam preocupadas; como é que vai ser registrada a minha imagem? Como é que vai ser essa captura da imagem? Será que eu vou sair bem, será que eu vou estar bem apresentado, será que eu não estou maltrapilho, será que vão ter uma impressão ruim de mim? Essa preocupação com a imagem, como a pessoa vai ser retratada, causa um certo desconforto. Essa ques-

tão técnica tem que ser muito bem trabalhada, mas esse modo de estar próximo, que a Antropologia nos permite em termos de uma inserção, da realização da pesquisa propriamente dita, em campo, é que exige um maior cuidado. Não é chegar com a câmera e ir fazendo registros.

Nilson: O Felipe Bandeira está perguntando se estaríamos no caminho para a constituição de uma Antropologia Visual da Amazônia. Inclusive é a mesma pergunta do Renato Athias e queria que você comentasse sobre a Antropologia compartilhada como estratégia metodológica no campo da disciplina da Antropologia Visual, ou seja, um fazer antropológico situado na Amazônia. É possível falarmos sobre uma Antropologia Visual Amazônica? E quais seriam as principais características dessa Antropologia Visual Amazônica?

Denise: Eu acredito que a tendência é de que haja, de fato, uma Antropologia Visual diferenciada do restante do país, porque a nossa realidade ela é também diversa, é diferente em termos ambientais, o ecossistema é bem diferenciado, esse bioma com diversos ecossistemas tem essa característica e processos históricos também diferenciados. Penso que a nossa tendência, o que a gente deve buscar, não é apenas olhar para o continente europeu, o que está sendo feito, está sendo produzido, mas também aprender muito com o que é produzido no continente africano, e olhar para

Eu acredito que a tendência é de que haja, de fato, uma Antropologia Visual diferenciada do restante do país, porque a nossa realidade ela é também diversa, é diferente em termos ambientais, o ecossistema é bem diferenciado, esse bioma com diversos ecossistemas tem essa característica e processos históricos também diferenciados.

aquilo que a gente chama de América Amazônica. Há muita produção na Colômbia, por exemplo, nós tivemos a participação aqui no EAVAAM², mas por essa característica eu acho que a gente tem que ir também olhar para as nossas temáticas, as nossas realidades, e produzir a partir desse olhar, ou desses olhares, do que seriam as pessoas amazônicas ou amazônicas. Nós temos um linguajar muito próprio, nós temos algumas coisas que

2 Encontro de Antropologia Visual da América Amazônica - EAVAAM.

já estão sendo produzidas e que, assim como na universidade, estavam desarticuladas.

Quando a gente faz o levantamento, a gente vê que tem muita gente produzindo, creio que um diálogo entre as unidades federativas do Brasil que compõem a região Norte, região Amazônica, será promissor. E a tendência, por essa produção na Antropologia Visual, é que nós tenhamos aqui produções diferenciadas do restante do Brasil e de outros países do continente da América do Sul. Seria pretensão dizer que esse é o início, mas há um movimento em que essa trajetória da Antropologia Visual do Norte do Brasil, especificamente no estado do Pará, de que haja mais produções e que tenham mais características em comum com temáticas, tipo de inserção, linguagem e muito das problemáticas e das questões locais.

Sem esquecer, lógico, que existem questões mais específicas, mas também há outras que são mais estruturantes e globais. Por exemplo, eu escrevi, recentemente, um artigo sobre como é que a gente está trabalhando a narrativa, como é feita, constituída, a narrativa da pandemia a partir dos memes, charges e gravuras. Nós temos uma característica, o Brasil em relação à Europa, Brasil em relação à Ásia, e o Pará em relação ao Brasil, que é como a gente lida com essas questões. Há diferenças e as imagens retratam muito isso. A tendência é que, se for incentivada mais produção na Antropologia Visual, haverá uma marca identitária dessas produções, seguindo a própria tendência das artes. Quando a Jorane Castro apresenta, na sua produção fílmica, ou outros cineastas também, temáticas nossas, não estão desatreladas do diálogo com outras realidades. Eu creio que há uma tendência a ser lançada, ao longo dos anos, uma Antropologia Visual Amazônica.

Nilson: Alex Elias pergunta: pensando no que foi sugerido pelo professor Marco Antônio Gonçalves na última conferência, não existiria necessidade e quais seriam as possibilidades da criação de cursos, disciplinas, mestrados, doutorados, voltados especificamente para a Antropologia Visual e da imagem, mas sem criar novas divisórias e barreiras temáticas que, inclusive, incluiriam metodologias e epistemologias específicas, não apenas para o uso do instrumento do desenho, foto, filme etnográfico na Antropologia, especificamente, e nas Ciências Humanas em geral?

Denise: Essa questão é um pouco do que eu havia comentado em relação a esse aprimoramento técnico e, às vezes, realmente essa ideia da

castração criativa é muito forte. Quando se é criança, tudo bem, há tolerância, se você apresentar um desenho as pessoas vão valorizar muito. Mas, em campo, às vezes a gente faz os nossos rabiscos, a gente faz os desenhos, digamos, os croquis, para situar onde está a casa tal, onde é o forno da farinha, onde é o rio, campo de futebol; ou, digamos, uma festa, onde é que fica o palco, o camarim, onde as pessoas se distribuem. Se a gente quer trabalhar mais com isso, volta essa ideia do aprimoramento, temos como aprimorar a pintura, desenhos, gravuras. Por exemplo, aqui nós temos possibilidades, tanto do poder público quanto das iniciativas privadas, para oferta de minicurso. Nós temos tanto a Casa da Linguagem quanto a Oficina Curro Velho, em que artistas locais são os professores, os tutores, aqueles que nos orientam. Em todas as artes nós temos esse tipo de oficina. Eu fui fazer oficina com a câmera artesanal no Curro Velho e, ao mesmo tempo, tinham as outras etapas. Todo tipo de expressão artística tem oficina a um preço bem acessível.

Mas também tem, digamos, o ambiente das empresas particulares, se a pessoa quiser e tiver condições de buscar esse aprimoramento ou então criar demanda mesmo para as instituições públicas ou pedir na base da solidariedade: “me ensina como é que faz, como é que você pode me ajudar”. Parte muito do interesse, mas, se a gente não faz isso, é porque não há um incentivo, porque o desenho não é visto com a mesma seriedade, com o mesmo valor, justamente porque é algo relacionado à infância. Quem desenha é criança, adulto não desenha e, quando desenha, é uma coisa profissional ou porque é artista, ou porque é da área de arquitetura ou engenharia, que, de alguma maneira, exige isso. A gente pode ver, nos desenhos dos naturalistas da Amazônia, as obras dos viajantes que vinham para cá - geógrafos, geólogos, botânicos - e faziam os desenhos sobre a realidade que era encontrada. É algo que precisa ser incentivado nesse sentido, porque você está mais presente ainda, é uma criação sua que não é mediada, por exemplo, por uma câmera fotográfica, uma filmadora ou outro aparato, mas é com um lápis, com pincéis, com canetas, com esse tipo de coisa mais simples e o valor de aquisição é bem mais barato.

Nilson: Felipe Bandeira fala: Essa fala da Denise me lembrou de um episódio que vivi na pós-graduação, quando apresentei, pela primeira vez, no seminário de pesquisa meu texto de mestrado em construção. A narrativa era construída 80% com imagens. Uma professora que estava na sala disse que

o texto não era científico, pois não havia escrito quase nada. Gabriel Ferreira também fala no chat: As produções científicas que são construídas dessa forma poderiam aproximar, facilitar, divulgar, entender melhor a comunidade?

Denise: Eu lembro desse episódio que o Felipe Bandeira relatou e ele trabalhava muito com uma espécie de diário pessoal. Quando a gente está mais solto, quando não há essa preocupação em apresentar, o rigor, principalmente no caso do desenho, essa ideia da qualidade, de que vai ser reprovado, que vão achar feio, que não é um bom desenho...Quando a gente tem mais espontaneidade a parte criativa também aflora. A nossa formação escolar no Brasil é muito precária e ela pouco valoriza esses outros lados, esses outros conhecimentos, das artes. A gente não tem experiências de teatro, artes plásticas, escultura, a gente não tem a pintura como alguma coisa recorrente, desenhos; a gente não tem aula de canto ou de instrumentos musicais. Então, isso não é de hoje. A desvalorização das artes na nossa formação não é uma coisa recente, é antiga, não é deste governo nem do anterior. O nosso sistema educacional não forma ou não tem nem a intenção de formar um ser humano que abarque todas as suas potencialidades ou grande parte delas. Embora tenhamos isso previsto na legislação, efetivamente a gente vê que a nossa sociedade e a nossa escola, a educação, ainda é muito bancária. Embora se tenha muita leitura, a nossa educação não segue o modelo freireano, não é voltada para autonomia, para a criatividade, para a formação de um ser humano pleno, no sentido de que ele abarque todas as suas potencialidades ou, pelo menos, que indique essas potencialidades.

Às vezes, a educação escolar mais vai tolher, como no exemplo que Alex colocou, essa ideia de que não conseguia nem desenhar as letras e teve que aprender, a mesma coisa em relação ao desenho, parece que o lúdico também está muito na infância. Na medida em que a educação escolar vai avançando em termos de idade, em termos desse desenvolvimento biológico, os aspectos criativos vão sendo diminuídos. Não há um acompanhamento proporcional como na primeira etapa da educação escolar. A gente tem que trabalhar a coordenação motora fina, a coordenação motora a partir da modelagem, a partir da pintura, da descoberta das cores, mistura das cores, a criação, a partir da dramatização, o canto... Então, na primeira infância, parece que nós somos mais felizes em termos dessa criatividade, dessa experimentação; à medida em que a gente vai

avançando nas séries seguintes, o que acontece é que vai se concentrando no acúmulo de conteúdo e nem as habilidades básicas de cálculo, de escrita, de leitura e interpretação de texto, nem isso a gente tem de maneira satisfatória. Essa precariedade nossa na produção dos nossos desenhos se deve muito a isso; não há um incentivo porque fica na primeira parte da nossa vida essa atividade, na infância, e aí a gente vai deixando, vai sendo mais um tijolo que vai sendo incorporado nesse mundo, como o Pink Floyd chama atenção. Nós somos tratados como mais uma parte nesse sistema e não necessariamente a partir da nossa individualidade, da nossa potência em termos de indivíduo para viver em sociedade.

Nilson: João Mendonça pergunta: Como você vê o campo da Antropologia Visual a partir dos acervos históricos? Há alguma pesquisa de Antropologia Visual na Amazônia com base em acervo do museu Emílio Goeldi ou outros?

Denise: Para esse tipo de projeto, geralmente, a gente conta com financiamento e não há de maneira satisfatória financiamento para pesquisas, principalmente nas Humanidades. Eu não conheço projetos em relação ao acervo histórico do Museu Goeldi. Tem o Projeto RENAS³, que é coordenado pela professora Lourdes, tem o Laboratório dos Meios Aquáticos, o LAMAq, que tem um grande acervo de imagens, um excelente acervo imagético. A gente começou a trabalhar com TCC fazendo esse levantamento, numa parceria do VISAGEM com esse laboratório justamente para trabalhar as imagens do acervo. Existe, há décadas, o projeto RENAS, deve estar no quarto ou quinto momento; então tem um acúmulo desse registro de campo. A professora Lourdes também é uma pessoa que trabalhava bastante junto com a Ivete Nascimento, Graça Santana e Isolda Maciel.

Acervos museológicos das coleções etnográficas da UFPA e da coleção do museu Goeldi são de interesse para realização de pesquisas em várias áreas. Recentemente, foi feito um levantamento das coleções da nossa região. A professora Lúcia Hussak, que está numa das comissões do comitê da ABA, estava fazendo esse levantamento do que existe em termos de acervo das coleções etnográficas no Estado do Pará. No caso, fui informada porque eu também estou à frente do Laboratório de Antropologia, que tem as coleções etnográficas lançadas na época pelo Napoleão Figueiredo.

3 Recursos Naturais e Antropologia de Sociedades Pesqueiras da Amazônia - RENAS.

Nós temos, no próprio Laboratório de Antropologia, a ideia de criação de um museu virtual e a gente está fazendo o registro das imagens dessas coleções. Iniciamos ano passado, mas a gente precisa também dos recursos, pessoal especializado ou que tenha, minimamente, uma preparação, mas a gente precisa também ter bolsas para isso. O máximo que a gente pode fazer é realização de TCCs com pessoal voluntário, se tiver interesse, mas para ter o compromisso, acompanhamento com pessoal de museologia, da fotografia e da antropologia é mais complicado se não tiver o recurso. A gente está tentando fazer isso, lançamos a base desse museu virtual ano passado, quando o Laboratório de Antropologia completou 30 anos, e nós tivemos um financiamento interno da universidade, mas agora encerrou e a gente não tem mais nem a bolsa e nem o recurso. Então vamos ter que contar com o quê?

Essa ideia de menos recursos para as humanidades se reflete nessas ações; como é que a gente pode trabalhar se a gente não tem pessoas dando esse suporte? Bolsistas de iniciação científica, de extensão e de ensino são fundamentais porque, ao mesmo tempo em que a gente forma pessoas, a gente desperta mais pessoas para a área que a gente trabalha, dá essa continuidade, monta uma equipe que vai se especializando e que vai depois se inserir, tanto na pós-graduação quanto vai trabalhar nessa área. A dificuldade é essa.

Alessandro: Sobre a formação dessa pesquisa em acervo, como a Denise falou, o laboratório que ela coordena tem uma reserva técnica fascinante, feita nos anos 1960 ainda, com mais de 3.000 peças. A gente já começou a fazer a digitalização e a fotografia dessas peças, já temos o protótipo, a pedra fundamental do museu. É um acervo maravilhoso e essa discussão pode ajudar. Está aí o Renato, que tem uma larga experiência na formação de museu virtual e de devolução de alguma forma dessas peças para os povos indígenas. Essa nova discussão de museu virtual, reserva técnica e devolução dessas peças, de alguma forma, aos povos que as fabricaram, as utilizaram e dão o real sentido; a história e a significação dessas peças. Eu acho que é bem interessante a gente pensar nisso também para a Antropologia Visual.

Denise: Essa experiência com as coleções etnográficas que estão no acervo é bastante interessante. Eu lembro que nessa apresentação da pro-

posta do museu virtual houve um relato da pesquisa da Irana Calixto Lisboa, que trabalhou com Anambé. Havia a foto de uma cesta e, quando ela levou o trabalho, como ela não pôde ir à campo da maneira planejada, ela trabalhou muito na reserva. Ela fez algumas imagens, levou algumas imagens e foi muito emocionante, de acordo com o relato dela, porque as pessoas se viram nessas fotografias, algumas feitas pelo Napoleão Figueiredo. Na cestaria, eles não lembravam algumas formas de tecer e passaram a retomar, não todas, porque algumas já haviam sido perdidas, nessa questão da memória. Mas eles retomaram a maneira de tecer alguns cestos e foi muito importante para eles, em termos emocionais, afeto, em termos práticos na sua cultura material, trabalhar coisas que antes estavam perdidas. E também o TCC que foi feito pela Valéria Costa Silva, que era bolsista do curso de Museologia, foi muito importante porque ela trouxe conhecimento da Museologia e trabalhou as peças da coleção, basicamente Xikrin. A gente vê toda essa perda de pessoas mais velhas desse povo por conta da Covid e o quanto é importante essa cultura material registrada em termos de imagem trabalhada, sistemas de pesquisas, e que possam ser disponibilizadas no museu virtual porque não são apenas objetos. Essas peças têm toda uma história, uma trajetória de pessoas e práticas que, de alguma maneira disponibilizadas, vão ser importantes em lutas de reivindicação, manutenção dos seus territórios, das suas culturas. Então é de uma importância muito grande a questão de acervos, coleções etnográficas, trabalhar com essa perspectiva da museologia é fundamental. Essas possibilidades do

A gente vê toda essa perda de pessoas mais velhas desse povo por conta da Covid e o quanto é importante essa cultura material registrada em termos de imagem trabalhada, sistemas de pesquisas, e que possam ser disponibilizadas no museu virtual porque não são apenas objetos.

diálogo que os museus virtuais proporcionam, como já acontece, por exemplo, nos museus afro-digitais, disponibilizam de maneira virtual as coleções que nem sempre a gente tem acesso.

Alessandro: Só fazer um comentário, como a Denise falou e a Lisabete também, sobre a importância dos eventos na Antropologia Visual, como esses laços se fortalecem cada vez mais. No nosso primeiro evento, a gente criou o grupo em 2013 e, logo depois, criou o EAVAAM, o primeiro foi em setembro de

2014. Pessoas que eu tinha como referência e admiração acabaram se incorporando à nossa rede. Renato, Lisabete, Étienne, Massimo Canevacci, o Achutti são pessoas que sempre estão com a gente, até hoje, algumas bem mais próximas e outras nem tanto. Esses eventos são importantes e isso que o Nilson está fazendo é imprescindível, juntar pessoas e coisas em comum. A gente vai se fortalecendo e tem a ABA, tem o Comitê de Antropologia Visual.

Nilson: Eu entendo que essa atividade que a gente está desenvolvendo, das webconferências, elas vão gerar, eu espero, mais do que um livro. Eu acho que é importante que a gente possa se aproveitar desse momento para fortalecer essa rede, como o Alessandro está dizendo, e até pensar em algumas possibilidades de trabalho em conjunto. Já surgiu, em outras entrevistas, a demanda por uma formação remota e depois possa gerar algo mais prático, de produção, de trabalhos.

Eu queria muito agradecer a você e ao Alessandro pela colaboração também. Deixo as palavras finais para você, e mais uma vez agradeço a você, ao Alessandro, Jerfson.

Denise: O que a gente pode fazer, neste momento, é agradecer esta oportunidade de dialogar, de mostrar um pouco o que a gente faz, o nosso trabalho no grupo, porque uma das grandes alegrias que eu tive nesses anos foi justamente participar do grupo VISAGEM. É algo que nos agregou, não apenas pelo prazer e paixão pelas imagens, pela fotografia em particular, no meu caso, que gosto bastante, pela Antropologia, ou seja, trabalhar coisas que nos unem e que vão agregando outras pessoas. É muito bom a gente saber que existem outras pessoas e grupos que têm essa afinidade no tema, nos objetivos, e que a gente vai aprendendo mais e mais. A gente vai aprimorando algo que não é restrito à técnica, mas também a essas outras experiências, quando as pessoas fazem suas pesquisas. O EAVAAM, para nós, é uma satisfação sempre, receber as pessoas, pessoas muito queridas e que estão sempre muito dispostas a contribuir, mesmo remotamente, elas estão presentes em etapas de seleção de trabalhos, debates ou mesmo na revista. Então, para nós, é uma satisfação imensa ter esse grupo, que eu não diria que é uma família - porque família tem mais conflito do que o nosso grupo - mas as pessoas do Visagem têm muita afinidade e um modo muito respeitoso de se colocar em termos das contradições e

das ideias divergentes. A gente tem realizado muita coisa, conhecido muita gente, percebendo que a Antropologia Visual é algo fascinante e que tem essa característica que já chamei atenção: a gente pode aplicar, replicar e divulgar para além do texto escrito. Eu fiquei muito contente nos outros EAVAAMs, quando nós tivemos uma adesão de trabalhos, principalmente de diferentes regiões, tanto do Brasil quanto de outros países e continentes, foi uma aceitação muito legal. Essa diversidade faz a gente pensar muito, a diversidade de temas, de estratégias e de trabalhos. Isso é muito bom para a gente, dá uma renovada; para quem trabalha com a perspectiva antropológica isso é muito interessante.

Sentimos muita alegria de, na Amazônia, ter um grupo que vai fomentar a produção e a discussão da Antropologia Visual. É um compromisso muito grande, assumido especificamente no Comitê de Antropologia Visual da ABA e, também, na própria região. A gente se torna referência, mas não quer ficar exclusivo, o único do estado do Pará, o único grupo de Antropologia Visual, o único grupo que faz isso e aquilo, ou o primeiro que fez isso; o que importa são grupos surgindo e se multiplicando. Essa oportunidade de pensar uma trajetória não é de uma pessoa, é a trajetória de um grupo, a minha trajetória vem marcada pela incorporação de influências outras. As outras pessoas foram me influenciando e foram me ajudando a compor essa trajetória profissional. E, ao mesmo tempo, a gente não está sozinho hoje por conta desse Grupo VISAGEM. Infelizmente não temos mais a colaboração da professora Ana Lobato, que faleceu meses atrás. Ela sempre nos apoiava em festivais, encontros de Antropologia Visual. Há muita gente que circula nesse grupo contribuindo para o crescimento, não só do grupo, mas da Antropologia Visual nesta região. Desejamos que a gente continue, cresça e que mais e mais grupos, núcleos, redes, se estabeleçam e que a gente consiga, cada vez mais, consolidar a Antropologia Visual. Agradeço imensamente essa oportunidade porque nos faz pensar na nossa própria trajetória e no que temos no porvir. É uma oportunidade muito interessante e muito rica, muito obrigada!



Este livro foi composto em fonte Swis721 Cn BT, impresso no formato 15 x 22 cm em offset 75 g/m², com 342 páginas e em e-book formato pdf.

Impressão e acabamento:

Julho de 2022.

**Saiba como adquirir o livro
completo no site da SertãoCult**

www.editorasertaocult.com

Editora

**SER
TÃO
CULT**

Série
Território
Científico

SER
TÁO
CULT

O ano de 2022 segue nos presenteando com os frutos do projeto Território Científico. Chegamos agora ao terceiro volume, Trajetórias pessoais na antropologia (audio)visual no Brasil, na verdade, o primeiro livro de uma série de três, trazendo alguns dos maiores nomes da Antropologia (áudio)Visual brasileira.

É possível aprender muito com grandes mestres. Com os mestres reunidos neste livro, aprendemos que uma trajetória não é um caminho solitário, que a Antropologia não se faz só de texto, é visual, é a arte da escuta, é uma forma de se aproximar do mundo, de nos tornarmos protagonistas da nossa própria história, que não há uma Antropologia que não dialogue com as outras áreas. Aprendemos ainda que se agirmos como se estivéssemos sempre encantados, poderemos perceber que a representação está carregada de afetos, que a generosidade, a solidariedade e o sonho existem. E podemos conhecer juntos, e podemos aprender que as imagens se recusam a dizer o que pensam, porque pensam de outra maneira.

Realização:



Apoio:



LEPPAIS
Laboratório de Etnia, Pensamento e Práticas
em Antropologia da Imagem e do Som

ISBN 978-655421012-6



9 786554 210126